



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E GERAÇÃO

DA LUTA AO LUTO: nossos corpos são políticos e alvo da morte

FROM FIGHT TO GRIEF: our bodies are political and a death target

Kaliel Fernando Nunes¹

RESUMO

Neste artigo buscar-se-á trazer os enfrentamentos políticos contextualizados nas lutas sociais da população LGBTQ+ e do movimento negro, partindo de suporte teórico de dados históricos, as vivências, conquistas e invisibilidades, destas populações dentro da sociedade capitalista brasileira. Partindo de uma fundamentação na questão étnico racial e de gênero, assim visa-se trabalhar esses dois movimentos juntos de forma interligada, de maneira interseccional, exibindo como as lutas sociais dessa população são amplas e possuem suas particularidades. Nesse sentido, apresentar-se as repercussões das expressões da questão social no cotidiano das relações sociais e como elas vêm impactando a população durante anos, além de beneficiar o “CISTema” capitalista.

Palavras-Chaves: Corpos Políticos; Movimento LGBTQ+; Movimento Negro; Resistência.

ABSTRACT

This article seeks to bring political confrontations contextualized in social struggles of LGBTQ + population and the black movement, beginning from theoretical support of historical data, the experiences, achievements and invisibilities these people suffered, inside Brazilian capitalist society. Based on reasoning of racial and gender ethnic issue, it aims to work these two movements together in an interconnected and intersectional way, showing how the social struggles of this population are broad and have their own particularities. Thus, to present the expressions of the social question repercussions' in social relations day-to-day and how it has been impacting these people for years, in addition to benefit the capitalist “CIStem”.

Keywords: Political Bodies; LGBTQ+ Movement; Black Movement; Resistance.

¹ Estudante. Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

INTRODUÇÃO

No presente artigo buscar-se-á trabalhar a perspectiva de corpos políticos através do movimento negro e do movimento LGBTQ+², buscando entender como determinados grupos sociais estão em risco constante e como são alvos da morte. Pensando-se em uma lógica estrutural das opressões na sociedade capitalista, o debate surge a partir dos aspectos de classe, raça/etnia e gênero, tornando esses elementos inseparáveis. Sendo assim, o propósito é trazer as relações de poder nas reproduções das injustiças sociais, compreendendo que essas são diversas e complexas.

Um dos fatores do Brasil ser um país tão desigual é a má distribuição de renda, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o país encontrasse em sétimo colocado no ranking dos países mais desiguais do mundo, ficando atrás apenas de algumas regiões da África. Sendo assim, conclui-se que o Estado brasileiro não consegue atender as necessidades básicas de uma grande parte de sua população, trazendo consequências como a fome, violência, educação precária, desemprego e a mortalidade de determinados corpos. Um estado historicamente composto pela ausência ou pela negação de direitos, fatores esses geradores de demandas para o Serviço Social.

Sabe-se que historicamente a prejudicada e injustiçada da história é a classe trabalhadora, onde nitidamente essa classe tem uma cor e um sexo, e sempre que pensarmos em uma pirâmide social, quem está na base dela são as mulheres negras. Neste contexto, além de trazer o viés de gênero, é importante trazer o de identidade de gênero, pois não são apenas mulheres negras cisgêneras que se encontram na base da pirâmide social. Precisamos começar a discutir e desconstruir esse binarismo de gênero, mulheres travestigeneres também se encontram na base desta pirâmide. Um ponto comparativo para se observar a distinção de mulheres cisgêneras e mulheres transvestigeneres é o mercado de trabalho, as travestis/transexuais sofrem sérias dificuldades de inclusão, na verdade, não encontram a inclusão, são excluídas; já as mulheres negras cisgêneras são as majorias nos trabalhos domésticos. Não se trata de hierarquizar as desigualdades, mas sim de analisar afundo a sua dimensão, mostrando assim que determinados problemas estruturais são destinados a certas pessoas.

²Lésbicas, Gays, Transvestigeneres, Queer, o + vem simbolizando aquelas pessoas que não se sentem incluídas ou representadas em nenhuma das identidades citadas na sigla.

2 HISTÓRIA, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA

A População Negra e os LGBTQ+ são um dos grupos que mais sofrem o impacto das diversas desigualdades no país, problemas esses iniciados com a invasão portuguesa ao Brasil. De acordo com Josiane Santos (2012) a formação social brasileira é um reflexo de um processo colonizador doloroso. A Europa com seu projeto colonialista vem às Américas com objetivo de expandir sua economia através de território e da extração de riquezas, ou seja, com uma intenção lucrativa para o seu desenvolvimento, resultando assim no genocídio dos povos indígenas que aqui habitavam antes do estupro colonial e na morte dos africanos, povos esses importados com o intuito da força produtiva de trabalho.

Esses povos passaram por processos extremamente violentos, diversas transfigurações, entre elas a de crenças, hábitos, valores, servidão, aculturação e a desestruturação de seu sistema produtivo. Ainda assim, muitos acreditam em uma falsa democracia racial dentro do território nacional, a qual o autor Gilberto Freyre (1980) demonstra em seu livro “Casa-Grande & Senzala”, de uma forma romantizada a existência de um país em que todas as etnias convivem de forma harmoniosa e sem conflitos, deixando de atentar nas desigualdades, opressões e o aparecimento de um sistema capitalista opressor, regidos por brancos cis/heteronormativos e conservadores. Obra essa que transporta a negação do racismo no Brasil, além de contribuir para o apagamento histórico da população negra. Podemos afirmar, segundo Clóvis Moura (1994), que o racismo é um dos galhos ideológicos do capitalismo, onde podemos dizer que é uma ideologia de dominação, opressão, exploração, além disso, genocida.

Desde a suposta abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, não houve preocupação ou reparação alguma com a condição do negro pós-servidão pelo Estado, resultando assim na marginalização dessa população, chegando a ser negada a cidadania absoluta, não havendo equidade de forma alguma, nenhuma política de inserção social. Tais reflexos, vem apresentando-se durante anos, entretanto, esse contratempo não é algo simples e fácil de combater, é algo profundo e estrutural, que vem afetando o campo social, econômico, ético, cultural, entre outras proporções.

Ressalta-se que o Brasil foi uns dos últimos países do mundo a abolir a escravidão, trazendo assim diferentes impactos para o país. O racismo está enraizado

em muitos seguimentos da sociedade, esse fenômeno tem como forma principal a opressão e a desqualificação de tudo que refere ao negro no âmbito social, cultural, religioso e nos seus valores. Podemos compreender essa ideologia como uma relação de poder, onde se estrutura nas convivências sociais. De acordo com Bento (2002) o sistema capitalista é um dos principais mediadores do racismo, onde cria-se condições para sua reprodução, sabe-se que esse sistema não compactua com a igualdade, pois as opressões e as fragmentações são elementos funcionais para o mesmo. O sistema utiliza a questão da raça/etnia e do gênero para fomentar novas estratégias a seu favor.

O racismo no Brasil é algo histórico e a sua raiz vem como uma herança que ultrapassa o período da escravidão. Nesse sentido, levou um tempo para o Estado e a população conseguirem identificar o aparecimento dessa ideologia no convívio social, naturalizando assim a desumanização e as mortes perante deste grupo. Segundo Carneiro (2004, p. 2) “uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de serem representados em sua diversidade”.

Sabe-se que o Brasil foi construído por mentes colonizadoras que utilizaram conceitos de cunho religioso como uma forma de controle social, onde esses mesmos acreditavam que os negros não tinham almas e assim os escravizaram por séculos; outra fala reproduzida pela religiosidade era que os homossexuais eram sodomitas, sendo assim, também iriam para o “inferno” por conta dos seus desejos sexuais, fruto isto de um pensamento eurocêntrico.

Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito o presidente do Brasil. Foi escolhido mesmo possuindo um discurso racista, machista e LGBTfóbico, totalmente conservador, chegando a criticar o Supremo Tribunal Federal (STF) pela decisão de criminalizar a homofobia. Assim como também já disse que os negros e os Lgbtq+ precisam parar de vitimizar-se, não notando que a cada 23 horas um LGBT é morto por homofobia no país.

Existe uma visão de um Brasil tolerante e diverso, por conta da miscigenação, acredita-se que aqui seja um território plural baseado na democracia racial e na democracia de gênero. Em junho de 2020, mês do orgulho LGBTQ+, após 51 anos da revolta de Stonewall, ainda existem manifestações em prol de atos racista e homofóbicos em algumas partes do mundo e no Brasil. Ficando nítido que apesar do passar do tempo, ainda existe a necessidade da população que sofre as opressões

demonstrarem esse desconforto e alertarem que as opressões ainda estão presentes em nosso cotidiano.

O autor Cesare Lambroso (1885-1909) exibe em uma de suas pesquisas “Homem Delinvente”, as características de “homens honestos e criminosos”, um estudo eugênico considerado revolucionário em algumas áreas, como no direito penal e na psiquiatria. O psiquiatra apresenta a teoria de como os negros teriam tendências para a criminalidade, um discurso que ganhou força no final do século XIX ao início do século XX. O pensador higienista vincula à origem criminosa a raça, reforçando assim diversos estereótipos sobre os negros. Por conta de estudos como este é que até pouco tempo atrás a transexualidade era considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), um transtorno mental, após muitos anos de luta, ela foi desconsiderada da lista de doenças mentais do país que mais mata travesti. Notando-se assim como o campo da psiquiatria é um campo que precisa aprofundar e despatologizar determinadas questões.

Engana-se quem acredita que pensamentos como do autor não estão presentes em nossa atualidade, um exemplo disso é a fala do secretário de turismo de Santos, Adilson Durante Filho (2019) ele alegou, durante uma entrevista que “os pardos e os mulatos, brasileiros são todos mau-caráter.” Nesse sentido, esses ideais higienistas utilizados no campo científico para justificar determinadas ações não compreendida por uma sociedade heterocisnormativa e racista, são utilizadas para inferiorizar biologicamente indivíduos, por conta da sua condição de raça e gênero, uma vez que esta sociedade é construída com valores desiguais.

Sendo assim, as pesquisas parecidas como a do estudo de Lambroso e falas como do secretário de turismo, vem reforçando a política do extermínio, políticas essas que Achille Mbembe (2018), traz como a política da morte para os corpos negros. Fazendo a reflexão de como o poder político vem apropriando-se da morte, decidindo quem vive ou quem morre. Princípios esses que visam o desaparecimento de determinados grupos dentro da sociedade, políticas essas como a do embranquecimento, a qual acreditavam que na medida em que o tempo passaria não existiria mais negros no Brasil devido à miscigenação, política como a Operação Tarântula, uma intervenção repressiva do Estado contra os LGBTQ+ para dizimá-los, em destaque as travestis e as transexuais, consideradas anormais na cidade de São Paulo.

O Brasil até hoje vive sua história centralizada no ideal europeu. As sequelas da colonização ainda se encontram presente, a sombra do passado escravocrata ainda vive e provoca medo na atualidade, o genocídio do povo preto é um exemplo disto. A branquitude, segundo Maria Aparecida Silvia Bento (2002), tem um lugar social, político e econômico, e a mesma, quando vê que está perdendo espaço, ela se reinventa e cria novos mecanismos para a manutenção de seus privilégios. A autora acredita na existência de um pacto narcísico, no qual os brancos não querem perder seus privilégios e também tem o receio de se tornar minoria, o que são em números populacionais, mas não são no controle político, econômico e cultural.

Os LGBTQ+ estão presentes na história há tempos, por décadas foram ignorados e invisibilizados. Existem registros remotos de escrituras que descrevem a existência dessa população em civilizações antigas como na Grécia, Egito, Índia, e entre outras regiões. Porém, antes de pensarmos na história desse movimento, é importante compreendermos a complexidade dessa sigla LGBTQ+. Essa abreviatura carrega consigo uma grande carga política, pois cada uma dessas letras vem representando um grupo com particularidades específica, a qual se unem para cobrar visibilidade e igualdade de direitos do Estado, compondo assim uma vasta rede de ativismo.

Falar em movimento LGBTQ+ é relembrar de algumas vivências que foram essenciais para a visibilidade dessa organização, as quais não se pode deixar cair no esquecimento ao passar do tempo, referências como Xica Manicongo, mulher transvestigenera, que, no período da colonização do Brasil, foi escravizada e teve sua identidade negada. Lacaia, funkeira, que normatizou a relação das travestis/transsexuais no universo do funk; Marsha P. Johnson, vanguardista do movimento LGBTQ+, figura importantíssima da rebelião de Stonewall.

A revolta de Stonewall ocorreu em julho de 1969, nos Estados Unidos, um momento histórico de valor significativo para o movimento LGBTQ+, do final dos anos de 1960 ao início dos anos de 1970. Há indícios do surgimento do movimento no Brasil, em uma conjuntura composta por censura, violência, repressão e muito desrespeito social, a ditadura militar, período esse de grandes conflitos para a classe trabalhadora, que deixou sua marca nas vidas dos brasileiros.

Nesse contexto, falar sobre os LGBTQ+, é compreender que esse grupo, que historicamente foi, e ainda é vulnerabilizados, e que seus corpos foram “demonizados”

pela religião durante séculos, estão no alvo da intolerância, da não aceitação do diferente. Contudo, muitas vezes não são problematizados e nem desmistificados, e acabam encaixados no padrão de normatividade com base na exclusão social, pela desnaturalização do preconceito. Assim, compreende-se, a partir do exposto, que o preconceito se concretiza em diversas formas de discriminação, gerando relações opressoras, ações associadas a vergonha, ao pecado e a doença.

Diante deste quadro que os movimentos sociais se organizam, pois estão na luta pela garantia de direitos e contra a violência há muito tempo, sempre buscando atender suas demandas políticas gerada pelo capital, seja a favor ou contra, alguns deles se organizam e lutam contra a ordem vigente, sempre com o objetivo de fazer o Estado assegurar os direitos em prol das minorias. A realidade vivenciada pelos negros e os LGBTQ+ dentro da sociedade capitalista defrontada pelos movimentos sociais é pela negação dos seus direitos e da sua relevante diversidade.

Os Movimentos Sociais [...] são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 1995, p. 44).

Assim, por meio das mobilizações sociais que é possível trazer tais discussões para o ambiente acadêmico, tendo em vista que as lutas sempre existiram, mas hoje possuem uma visibilidade maior pela dinâmica que nos encontramos, fazendo que os movimentos, ainda que diferente, possam entender que fazem parte do mesmo projeto societário de exclusão. Trazendo a perspectiva que os corpos devem se posicionar e reivindicar, pois os corpos e vozes são agentes políticos para a resistência.

3 EU LUTO, ESTOU DE LUTO: Xica Manicongo, Matheusa Passarelli, Marielle Franco, presentes!

É doloroso transformar luto em luta todos os dias, essas duas palavras caminham juntas, lutamos enquanto enxugamos lágrimas, os movimentos são forçados a conviver com o luto, somos filhos da luta, tentam nos calar e nos amedrontar constantemente,

porém, não vão conseguir. Como expressa Conceição Evaristo (2018) “eles combinaram de nos matar, nós combinamos de não morrer”. Ao longo do processo histórico desenvolveu-se maneiras para permanecemos vivos, carregando conosco o medo, a angústia, entre outros sentimentos.

A resistência negra e LGBTQ+ se recusam a serem vistas apenas como corpos destinados a morte, já houve muito tempo de invisibilização, apagamento da história, não somos apenas estatísticas, são mais de 500 anos de branquitude, em que os relatos são contados de um ponto vista diferenciado e romantizados. Agora, estamos construindo novas narrativas para contar, estão nascendo novas estratégias para permanecermos vivos, um novo ciclo de luta contra esta hegemonia que está em curso.

Em meio à desesperança vem o pensamento de um futuro, uma construção de um novo projeto societário, pois não dá para pensar o fim das opressões dentro dessa sociedade de classes, muito menos uma reforma do sistema capitalismo, acreditamos que só haverá o fim da questão social quando construirmos uma nova sociabilidade, diferente da atual, conforme pontua Ângela Davis (2018), “a luta anticapitalista juntamente com o fim de todas as opressões é uma luta constante”.

Nos últimos tempos apareceram debates sobre a importância da laicidade do Estado para a efetivação dos direitos humanos e também sobre os contínuos golpes que a democracia tem sofrido. Não é de hoje que aparecem convicções religiosas tipificando valores universais, colocando em questão que tipo de democracia está em curso, ataques esses respondidos com resistência na medida do possível. Não devemos deixar naturalizar essas relações entre o Estado e campos singulares do cotidiano social, pois a preocupação do Estado deveria ser apenas à garantia de direitos.

O sistema capitalista vem produzindo situações extremas para a perda de direitos, com o avanço das políticas neoliberais vêm à diminuição do Estado e as privatizações.

Verifica-se, por meio da acumulação de capital e da ampliação do mercado consumidor, o processo de mercantilização da vida e o processo de controle, em imperam o cerceamento e o aldeamento da ordem estabelecida por meio da militarização. (FRANCO, 2018, p. 93).

Diante disso, ser resistência não é somente se opor ao sistema vigente, é ser sobrevivente, lutar pela desconstrução de uma ideologia que cerceia os corpos negros

e dos LGBTQ+, pois, se você é enquadrado dentro das duas categorias as opressões são maiores dentro desta sociabilidade. Tendo em vista que a interseccionalidade está posta, ser negro é sofrer o racismo; ser LGBTQ+ é sofrer homotransfobia. Quando as duas questões estão sobrepostas, ser negro e LGBTQ+, nesta sociedade, significa o apagamento do indivíduo pelo Estado, pela sociedade e por qualquer outra pessoa, diante dos condicionantes de uma sociedade racista, conservadora e heteronormativa.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho tratou de um tema de extrema importância e complexidade para as relações sociais na sociedade em que vivemos. Trazer uma perspectiva da interseccionalidade é demonstrar que os corpos negros e da população LGBTQ+ podem se sobrepor, ser um negro LGBTQ+, é ser um duplo alvo da sociedade capitalista.

A questão aqui proposta é a importância da compreensão do assistente social na atuação profissional para lidar com essa população, dita minoritária. Estudos e debates como esses, são necessários, pois é preciso compreender as relações de dominação, desigualdade, exploração e desumanização desse público.

A perspectiva contextualizada demonstra que apesar dos avanços dos últimos anos em nossa sociedade, o modelo predominante da branquitude ainda reverbera. As questões de ordem religiosa que condicionaram a população negra à escravidão e o posicionamento contra os homossexuais, ainda são marcadores fortes em uma sociedade conservadora de cunho cristão, que busca a supremacia por meio de uma falsa laicidade e aceitação de todos.

Nesse sentido, o presente trabalho, ainda que minimamente, tentou trazer um contexto das violações de direitos à que essas pessoas ainda se encontram dentro da sociedade capitalista, buscando contribuir na superação das desigualdades e na compreensão de que ser negro e LGBTQ+ é estar a margem da sociedade desde o começo da exploração das Américas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silvia; CARONE, Iray. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** 2002. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Sumus, 2004.

CUNHA, Thais. **Transsexuais são excluídos do mercado de trabalho**. Jornal Correio Brasiliense. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transsexuais-sao-excluidos-do-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

_____. Disponível em: **Rotina de exclusão e violência**. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transsexuais>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**/ Angela Davis: organização Frank Barat: tradução Heci Regina Candiani. 1. Ed- São Paulo: Boitempo, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. —2. ed. -- Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni, 2018.

FRANCO, Mariele. UPP- A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: n1, edições, 2018.

FREYRE, GILBERTO. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro, Brasília: INL- MEC, 1980.

GOHN, Maria da Glória. História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1995.

GREEN, James N. Além do Carnaval: **A homossexualidade masculina no Brasil do XX**/ James N. Green; traduzido por Crstiana fino, Cássio Arantes leite. -2. São Paulo: Unesp, 2019.

LOMBROSO, C. **O homem delinquente**. Tradução Sebastião José Roque. — São Paulo: Ícone, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n1, edições, 2018.

MOURA, Clovis. **O Racismo Como uma forma de ideologia de dominação**. Disponível em: <http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/70_O_racismo_como_arma_ideologica_de_dominacao_Clovis_Moura_.pdf>. Acesso em 22 mai. de 2020.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Trabalho doméstico**: mulheres negras são a maioria na categoria e têm os piores salários. Portal Nós Mulheres da Periferia. Disponível: <<http://nosmulheresdapерифeria.com.br/noticias/trabalho-domestico-mulheres-negras-sao-a-maioria-na-categoria-e-tem-os-piores-salarios/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.

PEREZ, Natália. **Secretário diz que 'pardos e mulatos brasileiros são todos mau-caráter' e causa revolta**; ouça. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/04/18/secretario-diz-que-mulatos-sao-mau-carater-e-causa-revolta-na-web-ouca.ghtml>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

REDE RBA. **Brasil é o sétimo país com mais desigualdade no mundo, segundo a ONU.**

Portal RBA. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/12/brasil-7-pais-desigualdade/>>. Acesso em: 26 mai. 2020.

SANTOS, JOSIANE SOARES. “**Questão Social**”: Particularidades no Brasil, São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, V. ARCOVERDE, L. **Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT.** Jornal G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>>. Acesso em: 2 jun. 2020.